

Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 07 de junho de 2001¹ Olavo de Carvalho

[A aula começa com comentários sobre um artigo de Leandro Konder no caderno Idéias (01/06/2001), sobre Antonio Gramsci:

Numa das passagens mais curiosas do seu texto, Gramsci nota na cultura do seu país certa tendência a atenuar a crítica à canalhice, sob a alegação de que os canalhas, afinal, não são inteiramente canalhas, há sempre um lado deles que mostra qualidades humanas, méritos que devem ser reconhecidos. (Essa tendência, aliás, é facilmente perceptível no Brasil atual).

O autor dos Cadernos combate esse amolecimento do juízo ético, chamando a nossa atenção para ao fato de que os canalhas que nós costumamos identificar e devemos condenar moralmente não são os fictícios "totalmente canalhas", e sim, justamente, os canalhas reais, os "semicanalhas".]

Essa conversa dos semi-canalhas do Antonio Gramsci é um de seus giros estilísticos mais característicos, que é o de você inventar um erro que nenhuma pessoa com QI maior ou igual a doze jamais cometeria e, em seguida, você desmascarar o erro e aparecer com um ar triunfante. O fato de que não existem canalhas absolutos jamais precisaria ser esclarecido para quem quer que seja porque qualquer pessoa sabe que a própria forma de existência do ser humano, sendo contingente, a própria substância sendo contingente, quanto mais não o seriam as suas qualidades. Portanto, para dizer que um sujeito é canalha, não é preciso que seja canalha em tudo, basta que ele seja canalha em uma coisa. Só que qualquer criança que use a palavra sabe disso. Não há a menor possibilidade de ninguém jamais ter pensado que aquele que você chama de canalha é um canalha absoluto, full-time. Assim como quando você diz que um sujeito é doente, ninguém é doente em tudo. Doente em tudo seria preciso que todos os órgãos e todas as funções estivessem doentes, ou seja, é morto. Do mesmo modo que um sujeito não pode ser uniformemente honesto em tudo, com o mesmo grau de honestidade, isso é humanamente impossível. Mas isso já está implícito no próprio sentido intencional da palavra. E isso é automático, qualquer pessoa que use essas palavras já está levando em conta a relatividade dela. Portanto a expressão semi-canalha não quer dizer absolutamente nada, é apenas um jogo de palavras. Então, eu não consigo ver o que possa haver de notável num raciocínio tão primário.

Agora, o que eu acho incrível é isso aqui: *para passar da rebeldia à revolução, da contestação à construção de alternativas, a perspectiva com que os socialistas enfrentam os combates que travam pelo fortalecimento da "sociedade civil" necessita de instrumentos teóricos e de uma competência argumentativa que só poderão ser desenvolvidos no campo de batalha da cultura.* Desde que eu comecei a escrever só vejo os caras fugirem da batalha da cultura e mostrar competência argumentativa zero, inclusive este idiota. Esse sujeito não aguenta três minutos de discussão comigo. Foge, porque é um incapaz, um incompetente. Agora, como é que esse cara vem falar de competência argumentativa se ele não aguenta um debate de um minuto. É uma coisa de uma pretensão pueril, de menino tentando fingir que é o fortão. Eu digo que não é que ele não aguenta, Antonio Gramsci, se estivesse vivo, não aguentaria. Se eu fosse para um debate com Antonio Gramsci, eu levaria somente três horas para acabar com todas as pretensões dele: *tudo isso é um absurdo, é um jogo de palavras, o que pode haver de substância aí não existe, somente astúcia psicológica, aliás, já formuladas com cinquenta anos de antecedência por um inglês no seu lugar, então o que você está fazendo aí não é nada, você é somente um zero à esquerda.* O Gramsci é efetivamente um zero à esquerda. O problema do Gramsci é que ele tinha muito pouca cultura filosófica, muito pouca. Segundo, ele viveu no isolamento durante doze anos, e todo o combate cultural que ele trava é puramente imaginário, não tem nada a ver com o que estava acontecendo, nem no mundo e nem na Itália. O fluxo de informações que ia e vinha da prisão era muito pouco. É uma espécie de mundo imaginário mórbido, perfeito para o Brasil. O único lugar do mundo onde o Gramsci poderia frutificar é aqui no Brasil, que é uma grande prisão mental. Nós estamos vendo, no caso desse Porchat Pereira, como que se constrói um ambiente totalmente artificial, de pessoas que estão realmente no mundo da lua e que acreditam que são filósofos, que estão fazendo alguma coisa muito importante e chegam a imaginar que o Oswaldo Porchat Pereira está inaugurando uma nova fase na história da Filosofia. É só lembrar do Agripino Greco, que dizia que a melhor maneira de ser ignorado no resto do mundo é ser famoso no Brasil.

Aluno: eu fico imaginando a reação do Porchat ao ler seu artigo *Honra ao Mérito* no Jornal da Tarde. Deve ser torturante.

Mas eu escrevi aquilo por sadismo. *Você é um idiota perfeito mas há trinta e três anos atrás você não era nada disso, há trinta e três anos atrás você prestava.* Não estar preparado para você enfrentar as consequências lógicas de suas atitudes públicas é a característica de toda essa gente. Eles não têm maturidade suficiente para encarar a sua própria vida pública. Não é a vida privada, não estou mexendo nos meandros dos pecados secretos, apenas na coerência de seus

¹ Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

atos públicos. *Você começou assim, depois falou aquilo, e agora terminou assim, olha, essa é a sua vida, olha aqui a sua biografia, olha o que você fez.* Os caras não podem olhar a sua própria biografia.

Aluno: isso seria fruto da ideologia, ou da formação do sujeito, da má formação inicial do sujeito?

Hoje eu estou persuadido de que toda a ideologia socialista é sociopatia. Toda ela. Não é nada mais do que isso. Má formação todos nós podemos ter, o problema é o seguinte: alguns percebem que têm má formação e lutam contra si mesmos e tentam melhorar, e outros não, eles não têm coragem de encarar a própria vida, então eles querem mudar o mundo. É uma fuga da realidade imediata da própria vida. Eu tenho que insistir em fazer esse tipo de coisa para mostrar que essas pessoas não são capazes de encarar suas próprias vidas, não têm maturidade suficiente para contar para si mesmas sua própria vida e analisá-la. E justamente para fugir disso começam a falar do mundo, do estado, do capitalismo, do FMI. É um discurso de alienação, mas alienação radical mesmo.

Vamos raciocinar marxisticamente. Eu me lembro que nos anos quarenta Graciliano Ramos reclamava que na literatura brasileira os personagens nunca tinham vida econômica, você nunca sabia de que eles viviam, de que eles se sustentam, de onde vem o dinheiro deles. Dentro de uma imagem marxista você precisaria construir os personagens integralmente, desde suas bases econômicas, passando pela sua ideologia de classe, até as sutilezas de sua psique, tudo isso interligado dialeticamente. Você teria uma imagem mais ou menos completa. Se, em vez de ter uma imagem completa, você pegasse parcelas ou fatias e as mostrasse como independentes, então você estaria caindo no abstratismo. E essa era a diferença que cairia na categoria do Lukacs, que dizia que existia uma literatura humanista e uma anti-humanista. A literatura humanista é aquela que dá uma imagem integral e a literatura anti-humanista é aquela que corta, que secciona um pedaço e metafisicamente o exhibe como se ele fosse *causa sui*. Eu concordo inteiramente com essa análise do Lukacs, isso existe mesmo. Então o Graciliano Ramos tentou trabalhar dentro da linha do Lukacs e ele de fato construiu personagens integrando posição econômica, ideologia de classe, e daí até o subconsciente do cara. Se você pegar cada um dos personagens dele, está tudo articulado, não mecanicamente, não que a psicologia deriva da condição de classe, não é isso, está articulado dialeticamente, tudo isso muito bem feito. Mas eu digo que a análise que você faz de um personagem de romance você deve poder fazer da sua vida real. Então, a que classe social você pertence? De onde vem suas fontes de sustentação? Qual a relação entre as suas fontes de sustentação e as idéias que você sustenta? Qual a relação que existe entre as suas emoções pessoais, sua conduta familiar, e a sua posição de classe? Eu sou capaz de fazer essa análise a meu próprio respeito em dois minutos, disso aí eu sei tudo a meu respeito. Os caras não são capazes de fazer isso durante uma vida inteira. Então eles não têm consciência sequer da classe a que pertencem, e vem dar aula de marxismo. Então é a total alienação. Quando você vê o Porchat, você vê que todo o conteúdo da filosofia dele pode ser deduzido automaticamente de sua posição de classe e sua posição profissional. Portanto isso não é filosofia, é um discurso ideológico, discurso de auto-falsificação ideológica, de um funcionário público da USP. Um filósofo treinado nas técnicas marxistas identificaria isso em dois minutos. Um Lukacs não teria a menor dificuldade de pegar isso aí. Só que eles não pegam, e o grave é que não estamos falando de análise de personagens de romance, mas de análise da vida deles mesmos.

Aluno: esse negócio de extra-mundo parece algo revelador a ele.

Esse extra-mundo é o próprio ambiente da USP. Que é um ambiente fechado em torno da hipótese de que a filosofia consiste de análise de textos. Uma vez que você adotou essa premissa e que você está pago para isto aí e que, ademais, te deram instrumentos para isso aí, que aprendeu com Goldsmith, Gueroult, pronto, você já tem o que fazer pelos próximos quarenta anos. Só que o resultado vai ser esse aí que nós estamos vendo no texto do Porchat, a total auto-alienação. O sujeito não sabe quem é, não sabe o que está fazendo, é tudo imaginário, então é tudo uma alucinação. Então isto é o que não resiste a dois minutos de análise, seja de análise marxista, seja de sociologia do conhecimento, seja de análise linguística, seja psicanálise, por qualquer desses lados que você entre nesse texto você vai chegar a conclusão de que todo o discurso dele é apenas um eco mecânico da sua posição de classe e, portanto, não tem valor algum. Não é uma reflexão sobre uma posição de classe, quando eu digo eco mecânico, é uma posição de classe que se ignora a si mesma e que não é capaz de perceber que o pretensão conteúdo filosófico do que ele está falando é apenas uma auto-justificação de seu modo de ganhar a vida.

No tempo que eu estava no Partidão ainda tinha um resíduo de verdadeira cultura marxista, ninguém ia se contentar com uma babaquice como Antonio Gramsci, mas de jeito nenhum. Você tinha coisa melhor dentro do próprio âmbito marxista. Antonio Gramsci era a tentação da facilidade. Era um intelectual para moleque. Você ia enfrentar a estética do Lukacs, pegar o Horkheimer, ou o Adorno, alguma coisa mais pesada. A idéia, por exemplo, da consciência de classe: mas como que esses caras querem passar consciência de classe pros outros se eles mesmos não sabem a que classe social pertencem? Nenhum deles sabe. E, geralmente, o discurso deles todinho é apenas uma camuflagem de sua posição de classe.

[pergunta inaudível]

O Gramsci teve o mérito de reconhecer a autonomia da categoria intelectual em relação às classes. Portanto, o intelectual pode aderir livremente a essa ou aquela classe. Só que ele não percebe que na hora em que ele admitiu isto aqui acabou a teoria da ideologia. Mas nem de longe ele percebe. Se não há vínculo entre posição de classe e ideologia, então a ideologia não é ideologia da classe, é uma ideologia inventada por um intelectual e atribuída por ele àquela classe. E eu acho que a verdade é esta, que não há ideologia de classe. Eu acho que só quem tem ideologia de classe é a intelectualidade, quando ela, buscando seus próprios interesses, os atribui à burguesia ou ao proletariado, sem que a ideologia ou o proletariado tenham a menor consciência disso. Por exemplo, se você acha que há um vínculo qualquer entre a produção cultural e o interesse de classe você não imagina que esse vínculo pode ser inverso. Por exemplo, durante trinta anos o Conde Francisco Matarazzo deu dinheiro para o Partidão, mas muito dinheiro. Para quê? Era para ele fazer greve nas outras fábricas. Quer dizer, o burguês não está agindo como representante da classe burguesa, ele está agindo como representante de si mesmo. Se você imaginar que a burguesia está unida numa conspiração constante contra o proletariado e produzindo produtos culturais para impor a sua ideologia ao proletariado, eu digo, mas isso nunca aconteceu nem um único dia. Se você for ver toda a história da burguesia, esta sempre financiou o Partido Comunista e essas coisas, sempre. É evidente que quando a situação engrossa e aparece algum maluco querendo matar todos os comunistas, eles dão dinheiro a este também no último momento. Só que este não será amigo deles, não os favorecerá em absolutamente nada, como Hitler não favoreceu. Se você pegar quanto dinheiro a burguesia do mundo inteiro deu para a direita política e quanto ela deu para a esquerda, a proporção é de um para dez mil. Para você ter uma idéia toda a atuação das tropas comunistas na Espanha durante a guerra civil, toda foi paga com dinheiro de gente de Nova Iorque, a URSS não pôs um tostão lá dentro. Agora, quanto dinheiro deram para o Franco? Não deram nada, todo o dinheiro que o Franco arranjava era roubado. Ele tinha uns aviões, uma tropa, ele ia entrando e saqueava, ninguém contribuiu voluntariamente para o golpe do Franco, foi tudo extorquido. E a URSS levou para seu território toda a reserva em ouro da Espanha acumulada durante quatro séculos e nunca mais devolveu. O dinheiro veio todo de Nova Iorque. O financiamento de toda a cultura comunista do século vinte veio todo da burguesia. E é isto que explica o volume imensamente maior de cultura e pseudo-cultura esquerdista do que qualquer outra coisa. Se você pegar hoje os Estados Unidos você verá que de fato há uma ou duas fortunas pessoais que contribuem para estudos liberais ou conservadores, mas são um ou dois, e isto é mais do que suficiente. Agora, do outro lado é incalculável. Quando você acha algum cara, está aqui o multimilionário que financia a direita, é um cara. Quer dizer, a quantidade de dinheiro para a esquerda foi incomparavelmente maior.

Então o que nós fazemos a essa altura com a teoria da ideologia de classe? Isso nunca existiu, isso é um mito, é um *status vocis*, não quer dizer absolutamente nada. Ideologia é uma coisa inventada, você escolhe a sua livremente, pouco importando de onde você veio. Não existe vínculo nenhum entre a ideologia do cara e sua posição de classe. A única classe que tem uma ideologia que vem diretamente de sua posição é a intelectualidade ativista. Estes argumentam sempre em favor de seus interesses diretos. O que mostra que aquele tipo de inconsciência necessária para o sujeito, para que seu discurso seja um eco de seu interesse de classe, este tipo de inconsciência só existe na intelectualidade, na intelectualidade ativista. O que é essa intelectualidade ativista? É o mesmo tipo de gente que compunha aqueles movimentos milenaristas na Idade Média. Então aparecia lá um frade semi-analfabeto que fazia profecias e juntava uma massa de malucos e prometia a transfiguração do mundo para a semana seguinte. Geralmente era uma pessoa de baixo nível cultural, mas com alguma cultura. É o mini-intelectual, e este é o que forma a intelectualidade militante hoje. Todos eles são mini-intelectuais. Mas são tão mini que eles não imaginam a existência de algo mais complexo. Se você pegar esse Leandro Konder, *meu filho, vou te dar um livro de Kant para você ler*, esse sujeito não consegue ler, é uma fraude do início ao fim, é realmente um analfabeto funcional, um tipinho deplorável, um bobão. Ele e muitos outros. O Carlos Nelson Coutinho eu desafio, dou a “Crítica da Razão Pura” e vamos ver o que você faz com isso aí, te dou Hegel para ler. Mas Hegel é impossível. Eu conheci no Partidão somente um sujeito que leu Hegel, que foi o Nabor Caio de Brito, que começou a ler quando já tinha setenta anos. Era o homem mais inteligente e mais culto que tinha no Partidão, em São Paulo. Foi o único que se aventurou a ler Hegel, e já na velhice. Os caras que leram “O Capital” do começo até o fim ficaram famosos só por causa disso. E leram em grupo – *péra lá, ler sozinho, aí já é demais*. Quer dizer, a coisa é de uma pobreza quase que inimaginável. Então, é o pequeno intelectual que às duras penas adquiriu duas ou três idéias e que gradua a cultura dos outros, a inteligência dos outros, pela dele mesmo, e acha que aquilo que ele ficou sabendo é tão difícil que ninguém mais pode saber, é impossível.

Em grande parte a técnica argumentativa de Antonio Gramsci é sempre essa: ele desmente um erro que nunca ninguém jamais cometeu e que uma criança não cometeria, mas o sujeito que lê não sabe disso, e ele fica achando que todo mundo cometia esse erro, exceto Antonio Gramsci e quem leu Antonio Gramsci. Então, o efeito disso sobre a cabeça humana é o mais embrutecedor que você possa imaginar. Porque a tendência natural do homem inteligente é ele achar que os outros são inteligentes, essa é a tendência espontânea, só aos poucos que ele vai percebendo a existência da burrice. Agora, se você não supõe a existência de nada para além do que você concebe e você transmite isso a outro, então esta possibilidade para o outro vai se tornar totalmente impensável. Não existe, está fora do horizonte, então é um fechador de horizontes. O cara que lê Antonio Gramsci e fica acreditando que a burguesia tem seus intelectuais orgânicos, que ela paga para defender os seus interesses de classe... isso nunca houve, nunca houve na história do mundo um autor conservador que fosse apoiado pela burguesia, nunca houve. Eles fazem justo o contrário, fazem tudo para o cara sumir, para o desprestigiar. Você veja o von Mises, que foi o maior

economista do século, Mises nunca teve a menor chance no meio universitário. Quer dizer, é o cara que está lá explicando porque é que o capitalismo funciona, como é que funciona, porque o socialismo não funciona, em 1920 ele já tinha explicado isso tudo, você acha que algum burguês se interessou por isso e foi dar um dinheiro pro von Mises? Eles não deram é nada. O von Mises começa a ser lido entre os burgueses hoje, depois de ganhar um nobel. Não, quem ganhou nobel foi o Hayek, que não chega aos pés do von Mises. Hayek tem muita babaquice, e por isso mesmo que ganhou um nobel. Quer dizer, sistematicamente a burguesia tem dado dinheiro para seus inimigos. Por quê? Porque ideologia não tem vínculo com interesse de classe.

Aluno: eles esperam que quando o cara estiver no governo, no poder, não vá mexer com eles.

É claro, o sujeito pensa não com interesse de classe, ele pensa com interesse pessoal, nunca interesse de classe. A burguesia não tem interesse de classe. Você não pode dizer que ao mesmo tempo o capitalismo é o regime da concorrência feroz e que existe o interesse de classe que a burguesia maciçamente defende com unanimidade. É impossível, ou uma coisa ou outra.

Aluno: isso só acontece quando o país é protecionista, fechado... os caras se unem para manter essa situação de proteção.

É o Estado que cria isso. Quando é competitivo não tem isso. Tudo isso é um jeito de você mamar nas tetas do Estado. A burguesia só se une para tirar dinheiro do Estado, isso sim. Agora, a burocracia tem interesse de classe e tem consciência de classe, a intelectualidade, milico, que em termos marxistas não são classes sociais, são grupos. Eles têm que ter uma homogeneidade quase que imediata. O proletariado não tem consciência de classe, porque o interesse dos proletários não são interesses coletivos, são interesses individuais. *Eu quero tomar o emprego dele.* O sujeito quer alcançar um nível de vida razoável dentro daquilo que é concebível para ele, quer conseguir um emprego bom. Um emprego bom, com garantias, isso é o máximo. Em que isso aí pode uni-lo a outro que quer a mesma coisa? Isso só pode separá-los. Então é por isso que o movimento comunista jamais conseguiu unir o proletariado e organizá-lo, nunca. O proletariado esteve sempre contra. Agora, tem gente que está a favor. Quem está a favor de uma revolução e um regime futuro? Quem tem a ganhar com isso, que são aqueles que esperam estar no governo? Quem são estes? A militância intelectual. São todos futuros primeiros-ministros. Isso é uma coisa tão óbvia. Isso é assim na teoria e é assim na prática. Se você fizer uma análise sociológica e ver a composição da militância de todos os partidos esquerdistas, socialistas, revolucionários, progressistas no mundo, é sempre assim. É a baixa intelectualidade, que não tem realmente função. É o sujeito que pegou um diploma de sociólogo da PUC. A minha mulher, ela é socióloga da PUC. Para que serve a Roxanne na sociedade humana? Não serve para nada, só para casar com o Olavo, o que é um destino nada invejável. Então, quantas sociólogas saíram de lá? Eu conheço várias, que foram colegas dela, e nenhuma trabalha, são todas socialmente inúteis, e ficam procurando uma função, então uma vai para a Teologia da Libertação, pode ir até para a TFP, mas para algum movimento político que dê significação à sua porca vida. Porque um sujeito ser capaz de viver sem uma função social determinada, e ele criar uma identidade para ele mesmo, como eu fiz, isso aí, são duas ou três pessoas em cada país que são capazes disso. Eu estou lá, fora da sociedade, e vou inventar uma função só para mim. Eu fiz isso. Quantas pessoas podem fazer isso? Uma, duas ou três, isso é uma situação extremamente anormal. Então você imagina esses milhões de pseudo-intelectuaizinhos, eles têm duas soluções: ou viram Olavo de Carvalho – Olavo de Carvalho é o nome de uma profissão, que é a minha profissão, e consiste em fazer isso aqui, eu inventei a minha profissão, inventei meu emprego, inventei minha função, ela serve para mim e somente para mim, não posso passar para ninguém – ou eles faziam isso, só que isso custa algum esforço, ou então eles achavam algum movimento político que lhes desse uma função numa sociedade futura. Quer dizer, por enquanto você não é nada, mas na sociedade futura você vai ser isso ou aquilo. É algum movimento que lhes dê o sustento, isto é, universidades, fundações, ONGs. É a indústria da babaquice.

No tempo que tinha o movimento esotérico, eu vou fazer florais de Bach, vou ler mapa astral, vou ler tarô, o pessoal que faz isso sai da mesma faixa social. E encontrou um simulacro de sentido da vida nessas coisas.

Aluno: e ficam ricos.

Muito poucos. Eu creio que nessa classe existem umas cem mil pessoas. Se cinco ficaram ricos é muito. O auge foi nos anos setenta. A maioria, quando a onda foi passando, teve que procurar outro sentido da vida. Acabou a astrologia, agora eu entro no PT, na Teologia da Libertação. Se o sujeito tiver que arranjar um emprego numa empresa ou qualquer outra coisa, ele vai sofrer demais. Porque ele não quer viver para o seu próprio sustento só, para isso precisaria ter a mentalidade do proletário. O proletário, se ele consegue fazer um trabalho qualquer e receber um salário no fim do mês, completou o silogismo, isso está mais do que suficiente. O fato de ele conseguir pagar o aluguel, sustentar a família, já mostra que ele tem um sentido de vida. Qual é o sentido de vida? Por que se chama proletário? Qual é a função do proletário? É fazer filho. Então é o seguinte: eu consegui casar, ter filhos, sustentar minha família, e formei meus filhos. Pronto, está feito o sentido da vida, para ele isso é o suficiente. Se você não se contenta com isso mas também não é capaz de fazer uma coisa mais elevada, que por si mesma

justifique a sua vida, então você vai ter que encontrar um sentido de vida coletivo e pronto. Para isso que servem os partidos políticos. Então, tudo isso aí é uma ideologia de classe. É a ideologia da pseudo-intelectualidade, que o Carpeaux chamava de *proletariado intelectual*. Que evidentemente é a classe mais desprezível, mais deplorável, e mais alienada que você possa imaginar, porque eles não podem contar a sua vida. Se for contar a sua vida verã que ela foi uma caricatura.

Nos anos setenta, quando desmantelou o esquema da esquerda veio o desespero geral. Logo em seguida entra o esoterismo, a new age, e então as pessoas se reencontraram, descobriram a astrologia, florais de bach, e mais ou menos se reequilibraram nessa base. Só que você tem que saber que é um equilíbrio fictício. Isso é somente um pretexto que você achou, você precisava de uma nova moda ideológica na qual você se escorasse, sem saber de onde aquela moda saiu, quem foi que lançou, com que interesse lançou e até onde está querendo chegar. Quer dizer, você vai colaborar num movimento mundial cuja origem e fim você desconhece. Então é evidente que um camarada que estivesse nisso conscientemente, por exemplo, para mim aconteceu essa mesma coisa, eu sou um desses personagens, saí do Partidão, estou lá a solta, e de repente aparece esse negócio esotérico, alquimia, era um novo mundo que apareceu, só que eu sei que alguém inventou essa porcaria. Então eu preciso rastrear para saber de onde veio esse movimento, onde eles querem chegar com isso, e qual é o sentido, e eu poder saber, de todo esse conjunto dessa pseudo-cultura esotérica, quais são os elementos de valor permanente que eu possa incorporar à minha pessoa e jogar fora o bagaço ideológico e propagandista. Quanto tempo leva para fazer isso? Dez anos, vinte anos. Quem aguenta estar ao mesmo tempo vivendo daquilo e investigando suas raízes para ver se não é outro engodo? Eu aguntei, mais ninguém. Eu aguntei porque eu sou de uma cara-de-pau fora do comum e o que quer que eu descubra de mau a meu próprio respeito não me espanta mais. Há muito tempo que eu não me espanto. Se eu descobrir que sou batedor de carteira, proxeneta, viado, contrabandista, traficante, olha, para mim, eu não tenho nenhuma ilusão a meu respeito, eu sei tudo a meu respeito. Ninguém vai me contar novidade nenhuma. Como é que eu cheguei nisso? Por desespero. Quando você perde todas as perspectivas de vida, todas as esperanças, mas de tudo, tudo, olha, eu não sou ninguém, minha vida não valia nada, nós vamos viver nessa mesma situação eternamente, nunca vai melhorar, e você nunca vai ser ninguém, não vai poder fazer nada, então, tá bom. Você aceitou isso aí, e na hora em que você aceitou isso, então você pela primeira vez está na realidade. Então vamos fazer a hipótese de que não houvesse mesmo nenhuma perspectiva de fazer nada de bom que fosse socialmente viável. Eu me preparei para isso. Eu com vinte e poucos anos disse: esses assuntos que eu quero estudar, isso tudo eu nunca vou poder compartilhar com ninguém, isso nunca vai entrar na corrente geral da cultura, e não vai dar para fazer nada, é como se você estivesse numa cela de cadeia. Eu me preparei psicologicamente para isso. Me botaram aqui numa cela, eu nunca vou sair daqui, ninguém vai saber que eu estou aqui, e tudo o que eu fizer não vai ter a mais mínima importância. Está bem assim? *Está. Topas? Topo.* Aí o que você faz tem algum valor. É só assim.

Agora, houve países onde muita gente passou por essa situação extrema, e essas pessoas fazem alguma coisa que presta. Só que aqui ninguém passou por isso. Aqui, cada cara que vai parar na cadeia, no DOPS, ele sabe que a imprensa internacional já está atrás dele, que o Vaticano já está se movendo para apoiá-lo. Ninguém passou pela solidão extrema, ninguém nunca sofreu sozinho, ele sempre sofre como membro de uma coletividade. Eu, quando saí do Partidão, eu disse *eu saí, esses caras são todos loucos, eu sou contra esse negócio, eu não quero saber, e, não obstante, eu posso ser preso e torturado, e eu não vou ter mais nada a dizer, porque eu não sei de mais nada, eu já estou fora. Então eu vou apanhar por causa de uma coisa que eu não fiz, e que eu nem faria, e que eu sou contra. E não adianta eu tentar provar para os caras que eu sou contra porque é uma coisa subjetiva minha. Que prova eu tinha de que eu era contra, o que eu fiz? Não fiz nada contra. Então, topa viver assim? Topo, já que a vida é isso, só isso, e mais nada além disso, então está bem.*

Aluno: você chegou a estar na clandestinidade?

Como profissional não, mas toda a atividade do Partidão era clandestina a partir de 64, era tudo clandestinidade. Mas eu saí em 68, no começo de 68 eu caí fora, eu já não queria mais nada daquilo, percebi que eram todos loucos. *Vão todos morrer, e isso aí é inteiramente absurdo. Você vai fazer focos de guerrilha num país do tamanho de um continente, mas você é um idiota, se aqui fosse Cuba que pequenininha aí ainda é possível. Você vai fazer focos de guerrilha e ninguém vai ficar sabendo, vai fazer guerrilha com você mesmo.* Hoje eu entendo que o pessoal da guerrilha foi usado como boi de piranha pelo pessoal do partidão, que a guerrilha serviu só para isso. Serviu para desviar a atenção do governo, enquanto o pessoal do Partidão aplicava a estratégia gramsciana de ocupação de espaços, revolução passiva... hoje eu entendo isso. Mas na época não, inclusive porque, claro, *vamos fazer um aproveitamento publicitário posterior, estátua para Mariquela*, mas serviu só para isso, o Partidão sabia disso, e todos aqueles foram feitos de idiotas pelo velho Partidão. Eu percebi isso anos depois, mas na época eu percebi que tinha algo errado. *Perai, fizeram um script para nós no qual é para a gente se ferrar, não sei quem fez esse script*, mas eu não ousaria pensar uma coisa maquiavélica dessas naquela época, eu não ousaria atribuir ao pessoal do Partidão essa intenção.

Então, eu recomendaria essa receita: *you quer fazer alguma coisa séria? Joga todas as ilusões, todas as esperanças fora, todas.* Dez anos eu vivi na base do estoicismo. *O mundo vai acabar, tudo vai dar merda, e só interessa o seguinte, o Artur Cash que dizia: vai vir o fim-do-mundo, mas o negócio é ficar de pé e, olhe lá, com o sapato engraxado.* É só pela honra. Daí, depois de dez anos de estoicismo, você começa a descobrir umas coisas reais. Porque por essa experiência acho que ninguém aqui no Brasil passou. Ninguém aqui suportou o isolamento, e sobretudo o isolamento moral.

Aluno: em países que passaram por guerra há isso?

Nesses países milhões de pessoas passaram por isso. O sujeito que caía dentro do Gulag, ninguém sabia que existia o Gulag, este começou a ser divulgado na década de sessenta com o livro do Soljenitsin. Os caras caíam lá dentro e diziam: *olha, você caiu na máquina infernal, ninguém no mundo sabe que isso existe, ninguém sabe onde você está, ninguém vai te ajudar*. Então aí, de fato, você está vivendo a solidão física e moral, o total isolamento da corrente da história, da corrente social. Então eu acho que só as pessoas que passaram por isso aqui, pelo menos em imaginação, e que aceitaram essa condição, porque eu acho que essa é a verdadeira condição humana. História é ilusão, sociedade é ilusão, cultura é ilusão, tudo isso são de fato super-estruturas. A base é que você tem esse corpo, esse corpo vive, você nasceu, absorveu uns sais minerais, umas vitaminas e um dia você vai ser enterrado. Esta é a realidade. Ninguém precisa saber da sua existência, ninguém precisa ligar para você, ninguém precisa saber que você existe e a maior parte das pessoas, se você sofrer para caramba, não vão nem olhar para você. Esta é a verdadeira condição humana, nós sabemos que é assim. Então eu acho que primeiro precisa chegar nisso. Agora, no Brasil você acha que essas pessoas que foram presas, torturadas, chegaram nisso? Nunca chegaram. *Eu estou sofrendo mas meus companheiros estão lutando por mim, tem uma ONG na Inglaterra, o Manchester Barner vai fazer uma reportagem, o Papa vai falar*. Eles eram importantes, não perderam seu papel social, que é o sustentáculo da personalidade. Para você chegar na realidade é necessário que a sua personalidade não tenha outro sustentáculo se não o seu próprio corpo. *Eu sei que o meu corpo é esse aqui, sei que estou vivo ainda, que preciso comer, dormir, sei que está doendo, e ponto, não tem mais nada*. Ou seja, raspou toda a base semântica da existência. Aí você pode começar a descobrir alguma coisa.

Aluno: o remédio mais vendido no mundo é o Prozac.

É para não chegar nisso. Em toda a minha vida eu nunca tomei um anti-depressivo. Quando eu estava mais louco, mais necessitado de socorro, o máximo que eu tomei foi Diepax, que é para acalmar, para não matar um.

Aluno1: mas o Viagra ultrapassou o Prozac.

Aluno2: estão só tem homem brocha.

Não, os caras tomam Viagra de sacanagem, estão brochas nada, querem é mais. Cinco ereções por dia não bastam, o sujeito quer quinze. *Mas você não tem mulher nenhuma. Mas não tem importância, eu vou lá no banheiro e resolvo*. Como diria o Alberto Oliva, *faço justiça com minhas próprias mãos*. São todos uns tarados.

Aluno: o sujeito arrumou uma namorada cubana, Palmita de la Mano.

Quando você chega naquela situação onde até mesmo o sujeito tocar uma punheta se tornou inviável, não tem mais nem isso, você não consegue fantasiar um negócio desses, aí você começa a ver a realidade. E o sujeito toma catuaba não porque está brocha, é de sacanagem mesmo, tem dezoito anos na cara, está no auge, mas quer mais. Naquela época os caras que conseguiam fugir para o negócio da droga, ou do sexo, eram caras muito felizes, porque eu já estava num ponto onde nem isso mais dava. *Ab, vou bater uma punheta. Não, não vou não. Para quê? Você vai lá, transa com a dona, mas ela não vai te entender, não sabe nada do que se passa dentro de você, ela te ignora, ela vai falar alguma coisa que vai te magoar no fim das contas. Você pode transar com ela, mas não pode falar nada que faça algum sentido, se falar ela vai dizer não, você está com uns assuntos muito desagradáveis*. Então não vou fazer isso. Tocar uma punheta... nem isso. Para quê? Eu já sei o que vai acontecer depois. Então você chega e diz *não tem mais nada, nada, nada, nada*.

[aluno faz pergunta inaudível sobre o Partidão]

Mas eu nunca acreditei muito na utopia do Partidão. Eu estava lá porque meus amigos estavam. Eu me iludi um pouquinho, mas não muito. Então, quando o meu mundo caiu, meu mundo era muito pequenininho, baixinho, não tinha grandes ambições, então caiu mas não fez muito barulho. Eu já tinha pouca coisa e essa coisa eu perdi. E meus amigos? Um foi para Cuba, o outro levou um tiro na cuca, um outro não se pode mais falar com ele porque tomou tanta droga que ficou esquizofrênico, o outro virou um idiota, acabou. Durante dez ou quinze anos eu não tinha nenhum amigo na face da terra. E o que se passava dentro de mim? Bom, o que se passa dentro de mim é melhor não falar, porque todas as vezes que eu fui começar a falar elas ficavam tão deprimidas que não queriam falar mais comigo. Então o melhor é ficar quieto. *Então agora eu vou ficar com dó de mim e vou chorar. Mas não adianta chorar que ninguém vai escutar. Vai chorar para quem? Para a mamãe?* O sujeito que chora está esperando que alguém o ouça. Aí você diz Deus, mas para Deus você não precisa chorar, Ele já está ouvindo sem você chorar, então vai chorar para quê? Então é necessária uma quantidade de sofrimento moral e de isolamento para o sujeito acordar, para aterrisar no planeta Terra e saber onde está, uma quantidade, que quase ninguém nesse país passou por isso. Por isso que esse é um país imaturo, e essa intelectualidade é toda imatura. Você não está preparado para a absurdidade da existência. Só depois que você viu o lado absurdo que você começa a juntar uma coisa com a outra e vê que tem uma lógica. Não

que você projetou, não uma lógica de esperança, mas uma lógica dos fatos. Aí sim. Mas aqui toda a nossa cultura é feita para poupar as pessoas, tudo isso que esse idiota escreve, tudo isso é fuga da realidade, é para inventar uma desculpa. *Não, eu estou sofrendo aqui mas a História me resgatará!* Isso é tudo mentira. *A História me fará justiça*, como diz o Fidel Castro. Ele vai ver o que a História vai falar dele, putz, ele que nem queira saber. O sujeito que aposta na deusa História... mas essa é a maior prostituta. Você estuda um pouco de História e acaba vendo que às vezes o que tinha de melhor numa época foi totalmente esquecido durante três ou quatro séculos, enterrado.

Então você não pode apostar nisso também. Ou seja, não há um sentido da História, não há um sentido da sociedade, não há um sentido da cultura. Ou a coisa tem um sentido objetivo, real, cósmico, que está engravado na própria matéria, ou não tem nada. Na verdade você precisaria chegar no materialismo total. O materialismo total seria o corpo que está ali vivo e ainda se mexe. Na hora que você chega nisso já dá para entender as coisas. Primeiro precisa raspar mesmo todas as ilusões. E, depois disso aí, nunca mais ser capaz de ter esperança em nada humano. Tem lá a escola Gurdjéff, eu falei *bom, eu vou entrar lá, mas já sei que são todos batedores de carteira, sei que tem uma sacanagem atrás, vou lá, pego o que tiver de valor e jogo o resto fora*. Em tudo tem que ser assim. Não dava, eu já tinha perdido todas as ilusões, todas. Quando você perdeu tudo você vê que sobra algum negócio. Sobra e não é porque você quis, e você vai ficar com o que sobrou. Então, no fundo, no fundo, tem uma continuidade, tem uma lógica das coisas que estão acontecendo.

Nesse período, por exemplo, o pessoal tentava buscar abrigo na droga. Só que eu não era suficientemente idiota para me deiar enganar por um treco desses. Tomar droga é a mesma coisa que você dar uma transada, isso não vai modificar coisa nenhuma, vai passar o efeito da droga e vai voltar tudo como estava antes. Eu já sei que isso é um truque e que eu estaria me enganando. É a auto-consolação. Eu me lembro que a minha filha Inês, quando era pequenininha, acontecia uma coisa ruim e ela mesma começava a chorar e, ela mesma chorando, dizia *não precisa chorar, não precisa chorar*. Ela mesma repetindo a frase, quer dizer, é um auto-consolo. Isso aí é a Inês, chorando e dizendo que não precisa chorar. Mas se não precisa chorar então você já não chora direto, aguenta o negócio como está. E, no entanto, nada diz me fez mal. Isso só me fez bem, eu sou grato por tudo isso ter me acontecido. Por quê? Porque daí, para você não se enganar, você não precisa mais ter desconfiança. Você já se livra da suspeita porque você já viu a coisa pelo lado pior. As hipóteses satânicas que vocês fazem são brincadeira de criança perto da realidade.

Aluno: isso tudo que você falou, por um lado tira internamente a pressão, tira a falsa segurança, tira a depressão, você passa a ver a realidade sem valoração de triste ou alegre, e você sobreviveu.

Tira a depressão, você não tem mais depressão. E a pessoa sobrevive. Aí você acha o seu centro de gravidade. E daí você começa a ver as coisas desde seu centro real. Você aterrisou no planeta Terra. Mas eu disse na época, *por que não me avisaram desde o começo que era assim? Por que falaram tanta bobagem?*

Aluno: por que aqui no Brasil uma coisa tão difícil de alguém fazer é entrar em contacto com sua própria experiência pessoal?

Toda a nossa cultura é uma verdadeira falsificação. Você pega o Machado de Assis, todos os personagens de Machado de Assis são farsantes, para com eles mesmos.

Aluno: mas tem um conto de Machado de Assis sobre um cara que vai visitar uma tia velha e ela morre. Ele fica lá na casa dela sozinho, há um espelho na casa, ele começa a entrar num estado de depressão profunda, perde a noção do que ele é, e ele se acha no espelho. Eu não me lembro do conto inteiro, mas eu sei que é um conto muito especial dele.

Mas de um modo geral os personagens dele todos se ignoram completamente. Eles são uma coisa e pensam outra completamente diferente. Tudo o que eles falam é para se disfarçar. A cultura brasileira é todinha assim. É um meio onde a sinceridade é um negócio totalmente desconhecido. Eu durante anos pensei sobre isso: o que é ser sincero? Você mostrar toda a emoção maluca com que você está imediatamente? Não. Porque aquela emoção não é você inteiro, é só um pedaço. Você tem aquela emoção, mas você tem o recuo crítico, que de certo modo ironiza ou ri dessa emoção. Para você ser sincero então só se você encontrar realmente o centro de equilíbrio. O equilíbrio de tensão, não é o equilíbrio estático. A partir daí o sujeito pode ser sincero e dizer *eu penso isso realmente assim assim, eu sinto isso realmente assim assim*. Ou seja, você precisa chegar num ponto onde você realmente assume aquilo que você está falando. Quer dizer, *eu estou falando isso agora, mas se amanhã eu falar outra coisa eu vou saber que eu mudei, e tenho que saber porque eu mudei caramba, o que me fez mudar*. Não pode mudar magicamente, não pode trocar de papel sem saber. Eu acho que essa experiência da sinceridade faltou ao longo de toda a nossa história. É uma história de fingimento. Todo esse negócio de ética que está aí há doze anos, mas quem é que não vê que é tudo um teatro primário, grosseiro? No entanto as pessoa têm a necessidade de acreditar nisso, uma necessidade tão desesperada que se você desmascara elas entram em desespero.

Aluno: um autor cultuado há mais de quarenta anos atrás é Maquiavel.

Porque, quando você percebe que tudo é farsa, você tende a idealizar a farsa, então você começa a gostar de Maquiavel, de Marquês de Sade, mas isso também é teatro. Marquês de Sade é tudo fingido. *Nós vamos aqui na busca do prazer a tal ponto que o prazer se transformará em dor, em sangue.* Só que isso não existe. Simplesmente não existe. Na hora em que começa a doer você pára. Eu não sou idiota o suficiente para achar que o cara me dando beliscão de alicate vai me dar tesão. O Marquês de Sade era um fingido. Isso é tudo o que ele é. É tudo mentira.

Aluno: você acabou de explicar o sucesso do “Império dos Sentidos” no Brasil.

Nesse filme eu ria que não parava mais. A mulher com aquele pinto na mão, *cá cá cá.* É tudo fingido. E as pessoas achavam aquilo lá genial, *foi até o fundo da alma.* Fundo? Mas isso não tem fundo nenhum. É o filme mais superficial que eu já vi. O cara que diz isso – que é um filme profundo – nunca deu uma transada na vida. Isso é coisa de garoto de doze anos se masturbando no banheiro e imaginando como deve ser a vida sexual dos adultos, ele não tem a menor idéia. Suponha que você está estuprando uma garotinha de cinco anos. Então você vai ver o sofrimento brutal da garota. Quanto tempo dura a sua ereção depois disso aí? Para ela durar é necessário você tenha apagado todo o referencial sobre o que você sabe que é sofrimento humano, simpatia humana, o que é sentimento humano, o que é ser criança, você se esqueceu disso tudo e você se fixou num símbolo abstrato. Isso é o máximo do fingimento. O que é um psicopata, um esturador? É o sujeito que vive no total fingimento. Se ele acordar para sentir a realidade do que ele fez, ele pára. O sádico é o sujeito que vive de uma encenação abstrata, ele está totalmente fora da realidade. Então basta você voltar para a realidade. Em 90% das chamadas por agressões sexuais, tudo isso é fingimento. Você tem montes aí de falsos sádicos, falsos viados, falsas lésbicas. De cem caras que dizem ser viados um é, os outros estão fazendo uma encenação.

Aluno: um cara na Suécia entrevistou prostitutas da época anterior à liberação da pornografia, e estas disseram que antes da liberação os caras iam lá, só trepavam, e pagavam, e que depois, começaram a aparecer os caras que queriam se vestir de mulher, que queriam apanhar....

Claro. Porque coisas que antes eram vividas somente na imaginação os caras depois começaram a fazer. Mas, de tudo isso que apareceu, eu pergunto: quanto corresponde ao desejo que isso aí deu? Se eu ler vinte histórias pornográficas, algumas coisas ali eu vou querer fazer e outras não. Agora, para o sujeito fazer isso é preciso se conhecer de alguma maneira. É preciso você admitir o que você sente, *isso aqui é realmente legal, aquilo ali não.* Mas pode ser também que você comece fazendo isso e depois inverta, o que você não gostava você passa a gostar; em suma, você entrou num negócio totalmente indefinido. Então é por isso que eu acho que não existe sádico, viado, lésbica, só existe perverso polimorfo que se ignora. Perversos polimorfos somos todos nós, só que a nossa perversão polimorfa tem limites, você não vai experimentar além de um certo ponto. Qual é o ponto? O ponto onde você está começando a fazer o outro sofrer, está sacaneando, e a coisa perdeu o sentido erótico. A gente pode experimentar bater um pouquinho na mulher para ver como é que fica, mas, se começou a doer, você pára. Porque para você continuar seria preciso você esquecer que ela está viva, que ela é gente também. Isso aí já não é o erotismo, é a auto-anestesia. Você está se anestesiando. Mas, você estava buscando sensações ou buscando anestesia? A maior parte do que as pessoas chamam de busca de sensações não é busca de sensações, é justamente o contrário, é uma mutilação abstrativa da sensação. Tem coisa que se você imaginar é legal fazer, mas se você for tentar fazer no mundo tridimensional já não é mais legal. Eu vejo que as pessoas nessa área se ignoram a um ponto que é um negócio incrível. Elas não têm a menor idéia do que elas querem, do que elas sentem, do que elas gostam. Elas estão fazendo uma tentativa porque leram aquilo em algum lugar, e que até elas verem que não era bem aquilo, mas talvez uma outra coisa, já foi. Se você for um cara inteligente em cinco minutos você percebe. Mas se você é burro? Você pode levar vinte anos, trinta anos, e não fechou o silogismo. Por exemplo, uma pessoa, para perceber que nem tudo o que ela gosta de ver ela gosta de fazer, só de ela confessar isso já perdeu 90% do tesão. Não é assim? Se você for sincero, meu filho, eu posso lhe garantir que 90% do seu tesão irá embora, junto com as outras ilusões. É um tesão puramente hipotético, não era real, você não vai fazer aquilo. Ele é só visual, ele viu aquilo no nível dos olhos, não vai descer para o físico. Então é por isso que eu não acredito em Marquês de Sade. Eu leio Marquês de Sade e dou risada, porque está na cara que aquilo não dá para fazer. E é claro que o Marquês de Sade fez muito menos maldade do que ele inventou. Ninguém poderia fazer aquilo. Se um cara fizesse ele imediatamente estaria esquizofrênico. O coeficiente de fingimento nessa coisa é enorme. Agora, existem as perversões reais, as verdadeiras, que são aquelas que te marcaram profundamente durante a infância e que você vai ficar fixado nelas, aí sim. Por exemplo, como Descartes, que só gostava de transar com mulher vesga. Isso é de muito mau gosto, de fato, mas acontece que a babá dele era vesga. E ele criou essa fixação. Isso é real, pois corresponde a uma experiência pessoal repetida. Então é isso que você quer. *Você pensa que o que você quer é isso? Não, você só quer uma mulher vesga.* Então, há muita gente capaz de chegar para você e confessar que é homossexual, que é bissexual, vai confessar tudo menos esse detalhe: que gosta de mulher vesga. Porque isso é banal demais, é uma bobagem, e vão achar você ridículo. Mas só essas existem de fato. O resto é tudo literário. E assim como é no sexo, é em tudo mais. Hoje a quantidade que existe de fingimento é desesperadora. Quando você entra no fingimento nada mais tem solução. Para você achar a solução de qualquer problema você precisa de total sinceridade, empenho, precisa estar atento, acordado, estar na realidade, saber como é

que as coisas funcionam, qual vai ser a ação racional segundo fins que você vai desencadear, e como é que você vai chegar lá.

Por volta dos vinte e poucos anos eu percebi que toda a minha vida tinha sido decidida de fora, que a minha vida era um reflexo das coisas que aconteciam em volta, e que, pensando bem, eu jamais tinha tomado qualquer decisão. Eu tinha me limitado a sofrer o impacto da vida. E a endossar retroativamente as coisas que já vinham decididas de fora. Eu estava num meio onde todos estavam entrando no Partidão, daí entrei no Partidão. Dá um racha no Partidão, uma parte vai embora, eu também saí. E assim por diante. São fenômenos de escala enormemente grande que te arrastam.

Eu, um dia, me perguntei: *qual é a possibilidade de um indivíduo decidir a sua própria vida dentro desse mar de fatores absolutamente desconhecidos, numa sociedade totalmente anárquica, onde ninguém te fala a verdade, ninguém te dá uma informação?* Quando eu estava no Jornal da Tarde comecei a pensar assim: *você é um baianinho, de uma cidade do interior, e você veio aqui para São Paulo, arrumou emprego numa firma que tem três empregados. Os empregados não gostam de você, não ligam para você, e acham você um baianinho chato. Como é que você vai fazer para viver nessa cidade? Onde é que você vai conhecer gente? Onde é que você vai arrumar uma namorada? Como é que você vai fazer?* Mais tarde o aparato de diversões públicas cresceu de tal maneira que resolveu o problema dessa gente. Mas eu me lembro que naquela época eu andava pelas ruas de São Paulo, via milhares de pessoas na rua e dizia: *esse aí está fodido, esse outro está fodido, aquele outro também está. Não tem solução. Eu também estou ferrado que nem eles, eu também tenho, de certo modo, o mesmo isolamento que eles, só que tem o seguinte, eu sou inteligente pra caramba, sei o que está se passando, e eu não vou afundar.* Mas esses dramas eram coisas absolutamente insolúveis, derrotas, e derrotas, e derrotas. Eram vidas absolutamente desesperançadas. Não era por falta de dinheiro, o pessoal que tinha dinheiro também tinha esse mesmo tipo de problema. Era um outro tipo de miséria, muito mais geral, dentro da qual a miséria financeira aparecia como componente mais ou menos acidental que agravava a coisa. Claro, porque se você não tem nem dinheiro aí você dançou, aí que você não tem saída mesmo. Mas muitas vezes você via um cara que estava totalmente sem grana, mas que tinha mais jogo de cintura, ele sabia mais ou menos o que fazer. E essas pessoas parece que tinham sido brindadas, sabiam para onde ir. Isso em todo lugar tem. Eu acho que até os quarenta anos de vida, aos quarenta anos de idade, eu nunca tinha visto alguém que tivesse um problema e o resolvesse. Eu já revi criteriosamente caso por caso, todas as pessoas com que convivi. Eu vi pessoas que tiveram problemas e que depois os problemas sumiram, ou foram esquecidos, ou foram absorvidos. Mas alguém que chegue e diga: *eu tenho aqui esse problema e vou vencê-lo pela força da minha inteligência, da minha determinação e pela força de vontade.* Eu, hoje, quem vê minha história, acha que eu sou um monstro de força de vontade, e, de fato, eu me tornei isso. Só que é o seguinte: até os trinta e poucos anos eu não apenas não tinha força de vontade alguma como eu não sabia o que era isto; eu tive que descobrir, pensando: *como que é possível que um sujeito dentro dessa confusão fazer um plano? Quer dizer, você dentro do caos vai bolar um plano e chegar lá. Como é que faz?* Eu digo que eu fui o único sujeito que fez um plano e o realizou, de toda a minha geração, de todas as pessoas que eu conheci. Estas foram todas jogadas para cá e para lá, suas vidas foram decididas por coisas de que elas nem têm idéia.

Essa seria a verdadeira sociologia: *como se constroem as vidas das pessoas.* Não é uma sociologia de palavras ocas, de generalizações ocas, é uma sociologia que é fundada nos fatos mesmo. *Como é que se constroem as vidas aqui?* Esse estudo ainda nem começou. No Brasil não existe ciência social, existiu somente com Gilberto Freyre. Gilberto Freyre fazia isso. Quer conhecer uma região? Então faz o seguinte: junta um monte de biografias de pessoas dessa região, para saber como é que foram as vidas delas. Onde elas começaram, como ganharam dinheiro, com quem se casaram. Não é assim que se faz? Só que depois de Gilberto Freyre, as pessoas montaram uma estátua para ele, mas ninguém mais se interessou por esse tipo de estudo. Elas só se interessam por palavras ocas. O proletariado, a estrutura, o modelo econômico... *voce está falando isso sabe por quê? Porque você não sabe nada. De onde você saiu, como é que veio parar aqui? Você simplesmente não lembra, não é capaz de contar sua própria vida.* Experimenta contar a sua vida e ver se tem algum fio-da-meada. Geralmente não tem, então você inventa um, retroativamente. Você seleciona aqueles pedacinhos que combinam com sua visão atual das coisas e você vai dizer que essa é a sua vida. Só que essa é uma vida inventada. Você está evitando propositadamente, às vezes, anos inteiros da sua vida, onde não aconteceu nada disso. Eu te asseguro que houve anos inteiros da minha vida onde eu não fiz nada, eu não tomei uma única atitude, não tomei uma única decisão, eu me deixei levar pelos fatos como um pato na água. Por quê? Porque eu não sabia o que fazer. Não sabia nem por onde começar a olhar o panorama. E assim foi a minha vida e a de milhões. Só que tem o seguinte: eu acompanhei e me lembro do que me aconteceu. E esta história do Brasil é a verdadeira história do Brasil, a verdadeira história social do Brasil. Se houver quem conte vai sair aqui dos meus cursos. Alguém que vai se esforçar, rachar o crânio e dizer *um dia eu vou contar essa história.* Pode ter certeza que das universidades não vai sair. Mesmo quando as pessoas se aventuram nisso, como a Mary del Priore, que fez a história das crianças no Brasil – a iniciativa é altamente meritória, porque se você não sabe como era as pessoas vivem quando são crianças aí é que você nunca vai entender o que se passou quando elas são adultas – mesmo quando há uma iniciativa meritória dessas, a pessoa já vai um pouco com esteriótipo.

Aluno: a pessoa faz isso porque lá na França estão fazendo.

Isso! Você não tem a iniciativa intelectual, onde a pergunta surge diretamente da sua experiência da realidade, como surgiu essa minha experiência de ver baianinho na rua, e perguntar *como é que essas pessoas constroem as porcas vidas delas? Onde é que esse cara vai para arranjar uma namorada?* Você pensa que naquele tempo tinha tanta boate

como tem hoje? Não tinha nada, em São Paulo não tinha nada. Era uma solidão maciça. Tudo ficava longe, ninguém tinha dinheiro para nada, as pessoas tinham medo de falar umas com as outras. Aí eu comecei a pensar: *o volume de infelicidade que há nessa cidade é um negócio impensável*. Uma coisa que me inspirou foi um livro que li na época com uma série de reportagens sobre Nova Iorque escrito pelo Gay Talese, que escreveu “Os honrados mafiosos”, e o livro se chamava “Aos olhos da multidão”. É uma série de reportagens que ele fez sobre a cidade de Nova Iorque. Quando eu li, eu vi que era maravilhoso, que era aquilo ali que eu estava procurando, só que ele não respondia nada sobre o Brasil, só sobre Nova Iorque. Ele pegava muitas vidas de pessoas insignificantes. Pegou um sujeito que trabalhava no metrô de Nova Iorque há trinta e três anos e a função dele era ficar com o microfone na mão e, quando o trem parava na estação, dizer *cuidado com a porta automática*. E o Talese calculou quantas vezes ele tinha dito aquilo até aquele momento. É um negócio terrível. Isso é uma vida real, essa é a vida do cara. O que você fez da vida? Eu pronunciei quarenta e dois milhões de vezes *cuidado com a porta automática*.

Aluno: eu conheci uma pessoa dessas, um ascensorista que falou *vai fazer vinte anos que estou aqui*. Perguntaram *aqui no Rio?* Respondeu *não, aqui nesse elevador*.

Isso. Como se escreve a biografia desse homem? Alguma biografia tem, alguma coisa aconteceu. Exterioamente não aconteceu nada, ele ficou no sobe-desce, sobe-desce. Mas algo deve ter se passado na cabeça dele. O quê? Provavelmente algo que se passava no momento e que não tinha nada a ver com o que se passava em outro, é algo totalmente descontínuo. Mas algo se passou. Essa é uma vida real. Como é que nós fazemos para conhecer uma vida real na sua concretude? Como é que faz para conhecer isso? Eu conheci não uma vida, eu conheci alguns milhares. Eu contei para mim mesmo milhares de vidas de pessoas. Quando eu comecei a estudar astrologia isso me ajudou mais ainda, porque você marcava os acontecimentos pelos trânsitos planetários e daí tinha um esboço de cronologia. Então eu perguntava *o que te aconteceu tal ano? E no outro ano?* E ia anotando. Aos poucos eu comecei a ver um panorama de vidas humanas e fui chegando a essa conclusão: *catzo, ninguém decide nada nesse negócio? Ninguém tem um plano?* Ninguém tinha plano, ninguém sabia o que ia ser quando crescer. Quando era pequeno sabia, quando chegou aos doze anos já tinha esquecido. E o transformavam em outra coisa, o sujeito aceitava, e retroativamente ele contava que ele era aquilo. Foi aí que eu comecei a me interessar pelo problema vocacional. Aqui o problema da vocação simplesmente não se reconhece que existe. Daí eu comecei a perceber uma outra característica da sociedade brasileira: as pessoas só consideram trabalho o que te desagrada.

Aluno: houve um congresso de psicologia onde vocação foi considerada coisa que não existe. O psicólogo está proibido de fazer orientação vocacional.

É perfeitamente compreensível que, a partir da sua experiência pessoal e da experiência da sociedade, os psicólogos cheguem à conclusão que vocação não existe. Porque a deles de fato não existe. Eles foram ser psicólogos não sabem como. Porque o sujeito está entendendo vocação como uma predestinação para determinada profissão, e isso não existe, isso é impossível. A vocação é um personagem, é o que você quer ser. Para que existisse vocação no sentido profissional seria preciso que na estrutura humana já estivessem embutidas essas profissões, que foram inventadas ontem. Profissão em informática, por exemplo, durante toda a história humana isso não existiu, então isso não pode, evidentemente estar no modelo genético. Mas no modelo genético tem alguma coisa e também na sua história de infância você tem alguns sonhos, e isso é quem você quer ser e não o que você quer ser. Quem você acha que é e quem você acha que pode ser.

Aluno: poderia-se procurar saber o que um nerd há trinta, quarenta, ou cem anos atrás, procurava como ocupação.

E o surf, que até certo momento não existia, depois passou a existir, e alguns caras descobriram que essa era a vida deles. Mas como pode ser a sua vida? Ela começou agora? Isso simplesmente não é possível. Você não podia ter essa vocação. Na verdade deveria haver uma definição de vocação muito mais genérica, que está se realizando acidentalmente sob a forma do surf, mas que poderia ser outra coisa completamente diferente. Mas essa consciência as pessoas não tinham. E a idéia de você querer descobrir sua vocação no sentido profissional, de você querer saber qual é o nome de sua profissão ideal, sem você ter respondido quem você quer ser. O que você quer representar? Qual é a história que você quer contar sobre você mesmo? O que você quer que digam a seu respeito? Por exemplo, fulano de tal, passou a vida bebendo, e em seguida morreu. Existem milhares de biografias assim. Você vai dizer que é vocacional? Era isso que o cara queria ser? Ele certamente queria ser alguma outra coisa, e algum dia ele teve um sonho, só que esse sonho desapareceu de cena. Ele foi, aos trancos e barrancos, e no fim a única coisa que ele sabe fazer é sentar na mesa de um boteco e beber. Esses caras que falam em sentido da História. Como é que você pode chegar no sentido genérico da História se nem a sua história pessoal, que tem continuidade biológica, faz sentido? O sentido da História é uma fantasmagoria, é um ídolo, é um deus que você concebeu justamente para tentar preencher a falta de sentido de sua porca vida. Agora, eu sei que eu tenho continuidade biológica, eu estou nesse corpo aqui desde que eu nasci, então pelo menos o corpo tem uma história e esta é contínua, o meu corpo não parou de existir durante um só minuto desde que eu cheguei aqui. Se alguém duvida disso, por favor, conteste. Então, essa é uma

certeza que eu tenho, a certeza da continuidade biológica é uma das principais certezas filosóficas legítimas. Há uma identidade corporal, quer você a reconheça, quer você não a reconheça. Você pode trocar de personalidade, de papel, de máscara, mil vezes, mas você não pode mudar de corpo, meu filho. Não adianta nem cortar o pinto e mudar de sexo, porque aí você é o cara que até a data tal tinha um pinto e deixou de ter, você nunca irá se livrar do seu pinto passado. Essa é a tragédia da Roberta Close. *Agora eu cortei, agora eu sou uma mulher, mas eu queria ter nascido assim.* Mas agora não vai dar. É a irreversibilidade da vida – essa é outra coisa terrificante. Eu recomendaria que cada um meditasse durante um mês inteiro sobre essa irreversibilidade, qualquer coisa que você faça nunca vai voltar atrás. Você pode produzir outros efeitos por uma outra linha causal que vá compensar os erros, que vá compensar o prejuízo, mas nada volta atrás.

Aluno: teria como você pegar isso aí para mostrar o quão miraculoso é o poder de perdoar os pecados?

Mas é evidente. Eu não me lembro de algum dia ter perdoado alguém, porque eu sempre pensei que o fato de eu perdoar alguém é absolutamente irrelevante. Para que eu vou perdoar o seu pecado? Vai doer menos? Eu me limito a não pensar, se você me sacaneou, eu não vou pensar mais nisso. Porque perdoar, pela etimologia, vem de perdonare, que é completar o dom. Mas eu não te dei nada, o que mais eu vou te dar? Eu não posso te ajudar em porra nenhuma. Perdoar é próprio de quem tem poder. Se eu tenho o poder de te punir e me abstenho de te punir, eu te perdoei, mas se eu não tenho nenhum poder para te punir, eu também não tenho poder para te perdoar, então o meu perdão é irrelevante. O que as pessoas chamam de perdão geralmente é de uma pretensão, de uma arrogância. O cara que está dominado pelo inimigo, aos pés do inimigo, e diz *eu te perdoo*. Se eu me tornar um cara poderoso e reunir os meios de acabar com você, tenho você aqui preso pela garganta e daí eu te perdoo e te mando para casa, aí sim. O fraco não tem o dom de perdoar. Perdoar é próprio de Deus, e aqui na Terra, dos reis, dos senhores. Você precisa comer muito arroz com feijão para perdoar alguém. Em geral o meu perdão é irrelevante, mas já perdoei algumas pessoas nestas condições. Conquista o poder sobre a pessoa e, podendo punir, você não pune.

[aluno faz uma pergunta inaudível]

Putz, pensei nisso a minha vida inteira. Um dia eu li no Ortega y Gasset uma frase – aquilo foi uma porrada na minha cabeça da qual eu jamais me recuperei, eu nem sei se ele percebeu a importância do que ele escreveu – *nunca ninguém escreveu um livro que explicasse satisfatoriamente porque alguém fez alguma coisa.* Era mais ou menos com isso que eu estava preocupado na época. Por que as coisas acontecem, por que as vidas humanas vão tomando essa direção? E o que me levava a perguntar isso era o fato de eu ver que as pessoas nunca tomavam decisões e que iam sendo arrastadas. Então a gente só via vidas miseráveis. E o primeiro sujeito que não teve uma vida miserável sou eu, sou muito grato a Deus por ter tido essa chance. Depois de ter visto isto até os trinta e poucos anos eu disse: *peraí, eu não quero fazer assim, eu não quero isso, eu vou tomar uma decisão e vou fazer algum negócio, eu vou planejar minha vida e vou fazer, custe o que custar. Eu não sei como se faz isso, porque nunca vi ninguém fazer, não tenho know-how, nem sei se isso é possível, porque eu nunca vi isso na minha vida, só sei que assim eu não quero.* Resolvi fazer uma experiência: quando eu ia tentar fazer algo que eu tinha pensado eu levava trinta vezes mais tempo do que eu tinha planejado no começo. Um exemplo é esse negócio do livro do Otto Maria Carpeaux: eu comecei a pensar nesse livro quando tinha vinte anos de idade, e eu o fiz com quarenta e oito. Quer dizer, um simples plano editorial vagabundo levou vinte e oito anos. Então chegou um dia em que eu estava trabalhando no jornalismo e eu pensei: *se eu ficar nisto aqui eu vou me desgastar completamente e não vou conseguir fazer porcaria nenhuma, então eu vou começar os meus cursos e viver deles custe o que custar.* Levou dez anos para eu conseguir chegar lá. Começava e dava errado, pensava: *tenho que voltar para a imprensa, ficar na redação, não, vou tentar de novo.* E ficou nesse vai-e-volta, vai-e-volta, até dar certo. Eu não conheço ninguém que conseguiu fazer, que esperou dez anos para concretizar o plano. Muito mais tarde, depois de ler muitas biografias, de muitas pessoas, eu vi que ao longo da história, houve muitas pessoas, milhões de pessoas, que não esperaram dez anos, esperaram sessenta, e fizeram, e que isto é normal, e que isto é uma capacidade humana. Só que no Brasil ninguém sabe que isso existe.

Isto é um valor da vida humana. Por exemplo, contar vidas, o sujeito nasceu assim, tinha esse obstáculo, e fez aquele plano, e foi, foi, foi. É a história do Shyliman, o cara que descobriu Tróia. Quando ele era moleque ele leu a Ilíada e acreditou que aquilo tudo tinha acontecido – até ali a Ilíada era tida como obra de ficção, ninguém sabia que tinha fundamento histórico – ele leu aquilo, acreditou e disse *isso aqui não é ficção, é história, eu vou descobrir onde está essa cidade aqui.* Só que ele era um sujeito pobre e sem instrução. Ele pensou que devia fazer uma expedição até lá, porque sabia mais ou menos onde estava, então precisava arranjar dinheiro para fazer a expedição. Para isso levou quarenta anos. Quando tinha arranjado o dinheiro para a expedição, resolveu se preparar melhor cientificamente, precisava saber grego. Ele então botou um anúncio *milionário procura mulher grega.* Ele então casou com a mulher grega e aprendeu grego. Daí, quando tinha sessenta e cinco, sessenta e sete anos, ele conseguiu fazer a expedição, fez um buraco aqui, outro ali, daí ele encontrou não uma, mas sete Tróias, uma embaixo da outra. Isso é uma vida humana, o ser humano pode fazer isso. Você lendo na Bíblia, a história de Moisés, que é um cara que meteu na cabeça que ia tirar os judeus do Egito. Mas a primeira coisa que te acontece quando você vai falar com as pessoas é um sujeito arranjar briga com você e, pronto, mata o sujeito e ninguém mais quer falar com você porque é bandido. Aí você é posto para escanteio durante quarenta anos, e você com aquela idéia, querendo fazer algo que é bom para todos, só que todos achando que você não presta. Justo aquele que quer fazer algo que é bom para todos é o que a

comunidade menos aceita. E o cara, durante quarenta anos, com aquela idéia na cabeça. Isso é uma vida humana, é uma possibilidade que o homem tem de construir, guiar sua própria vida.

Aluno: como na vida dos santos.

Eu não sei, porque santo não planeja, santo acontece, você tem uma intervenção miraculosa. Mas a possibilidade de você escrever a sua vida, ela existe, e é um dos direitos humanos fundamentais. Agora, que sentido faz você usar a palavra liberdade em filosofia política se você não levar em conta isto? A liberdade é a liberdade de você fazer a sua vida. Se a possibilidade material de fazer a vida não existe, se ninguém faz a sua própria vida, se somos todos levados como folhas ao vento, que sentido faz você falar em liberdade? A palavra liberdade só faz sentido quando o homem tem uma biografia que ele mesmo escreve. Se não há um plano de vida, se não há um objetivo de vida, não há liberdade alguma. Como é que nós vamos assegurar direitos e liberdades se as pessoas nem sabem o que vão fazer da vida? Quer dizer, você não tem uma base cultural e psicológica mínima sobre a qual a palavra liberdade possa constituir um valor. Então é por isso que tendo conseguido um pouco de liberdade civil você acaba destruindo isso tudo e fazendo outra ditadura. As pessoas não sabem o que é liberdade, então como é que vão saber preservar? As pessoas não têm a concepção da liberdade como um poder que elas têm para realizar seus objetivos, que constituem suas próprias vidas. É a vida que é meio escrita por você, meio pelas circunstâncias, meio por Deus, meio pela Providência, meio pelos outros. Você começa a escrever um capítulo e vem alguém, se mete na sua história e muda a sua vida. Mas daí você pensa: *ele veio e modificou a minha história, mas eu não quero essa modificação dele, eu quero voltar para aquele ponto*. Tem um livro que foi escrito por vários escritores brasileiros, em que um escrevia um pedaço, o outro continuava, escrevia outro, vinha mais um que escrevia mais um pedaço, daí voltava para o primeiro que tinha que emendar de algum modo. A vida é feita mais ou menos assim. Você, quando acorda para o mundo, já estão escrevendo a sua história, seu pai escreveu, sua mãe escreveu, o meio social escreveu, e agora é a sua vez. Eu digo: *mas eu sou o último que fala?* Sim, você é o último que fala e o primeiro que apanha. É assim que você começa a escrever sua própria vida, todo mundo começa assim. Mas a sua autonomia vai aumentar com o tempo, se você fizer um pouco de força. Então, você começa a escrever sua história e acontece algo que você não queria, mas alguém quis que acontecesse e ponto. Acabou com a coerência da história que você estava escrevendo. Como faz para reemendar? Esquecer de tudo, desistir? O cara queria fazer algo e caiu doente, ficou dois anos de cama, isso não estava no programa. Já mudaram a biografia, tem que tomar uma nova decisão. Esse processo do *eu* que cria a si mesmo, de certo modo, mas com a ajuda ou contra o meio, isso é a vida humana, é a coisa mais maravilhosa que há. E se a pessoa vai vivendo sem pensar nisso, ela não tem vida humana nenhuma, não tem liberdade alguma. A vida dela é inteiramente escrita de fora sem que ela tenha a menor consciência do enredo. Note bem, isso não tem nada a ver com inteligência, com nível cultural, ou nível socio-econômico, nada. Isto tem a ver com a vontade humana, liberdade da vontade. Você terá esse direito se você quiser ter esse direito. Só que é necessário alguém te dizer que isso existe. Senão você vai achar que é natural viver como um bichinho, ser levado daqui pra lá, decidirem a sua vida e você nem sabe como. Leia o romance de José Lins do Rego, “Cangaceiros”, que é a história de dois jovens lavradores iletrados, coitadinhos, que não estão entendendo nada da sociedade em torno, vão sendo levados aos trancos e barrancos, e decidem fazer um projeto: *nós vamos nos casar e fazer uma família. Como é que faz para fazer isso no meio dessa confusão?* É o projeto mais elementar possível, mas mesmo isso às vezes é difícil.

Aluno: teve um cara que resolveu estudar a vida das pessoas de sucesso, e descobriu que as pessoas que fizeram sucesso fracassaram milhões de vezes, e as que não fizeram sucesso tentaram uma ou duas vezes e desistiram. Essa era a diferença básica.

Não é o Napoleon Hill? Napoleon Hill foi um cara que pesquisou um monte de milionários para saber como ficaram ricos. A fórmula seria a seguinte: faça o seu plano, descubra o preço a pagar e pague.

Mas, você faz o plano, mas não consegue mantê-lo na mente no dia seguinte. Como é que você faz? Vai ficar deprimido, vai se condenar, e se condenando você se torna mais escravo ainda? Como é que faz para sair dessa? Mas são muitas vidas, milhares de vidas que eu vi ir para o buraco, para o ralo, por esses meios. E eu me pergunto: como é que o povo pode se preocupar com o problema da liberdade política antes de ele ter percebido isto? Que é possível fazer uma vida e que é um direito humano elementar fazer uma vida. Claro que há certos esquemas de vida que são tão simples, que são padronizados, como casar, formar uma família, criar os filhos, e depois morrer, e você não se incomoda por onde você vai, em que vai trabalhar, o único objetivo é este. Se é assim então você é literalmente um proletário. O proletário não está ligando se trabalha numa fábrica de sabonetes, numa firma de automóveis, tanto faz, porque o objetivo é somente a família e a procriação. E isto no Brasil ainda é possível fazer, mas às vezes até isso é difícil. Por quê? Porque o Brasil tem 10% de doentes mentais, e a doença mental impede você de ter continuidade para fazer até isso. Vocês nunca viram vidas destroçadas por pura falta de continuidade nas tarefas diárias? Porque a pessoa simplesmente arruma um emprego mas não consegue ficar. Nunca viram isso? São milhares de pessoas assim. Nós nos esquecemos disso, essas pessoas são doentes. As pessoas falam: *em São Paulo há dez por cento de desemprego*. Mas não é desemprego, são pessoas que nunca vão ter um emprego. Uma vez o Dr. Muller me falou uma coisa: *em todas as civilizações do mundo, as pessoas que eram assim não se casavam, ninguém deixava casar*. Era uma eugenia espontânea, ninguém iria dar sua filha para casar com um cara desses. Hoje em dia dá, porque o pai está

louco para se livrar da filha. Você entrega a filha para o primeiro bêbado que aparece. Por quê? Porque você sabe que ele não vai sustentá-la, mas você tem um culpado. Você está procurando não alguém que sustente sua filha, mas alguém que carregue sua culpa. Isso é medonho. Mas isso é a vida diária do brasileiro. Agora, falam *nós precisamos de um plano econômico para dar uma vida digna ao brasileiro*. Mas isto é absolutamente impossível, porque estão faltando coisas muito mais básicas. Se você arrumar um emprego para o desgraçado ele não vai conseguir, ele não vai ter continuidade para isso, ele está num nível sub-humano mesmo. E isso não é por falta de dinheiro, eu já vi muitas pessoas assim nas classes superiores. Aquele filho de banqueiro que o pai botou cinquenta vezes para trabalhar no banco, ele vai, trabalha dois dias, e vai embora, não é assim? Disso aí está cheio. Existe um elemento de sociopatia, de psicopatia, que é profundo aqui. Aqui é um lugar que tem muito louco, demais. Já ouviu alguém discutir isso seriamente? 10% de loucos é muito. Significa que cada família brasileira está carregando um louco nas costas. Quanto custa um louco? E quanto que um louco não destrambelha a vida de todos em torno? Daí vem a pessoal da anti-psiQUIATRIA e diz: *não pode mais internar, tem que ficar em casa, ter o cuidado da família*. Você não vai melhorar a vida do louco e vai destruir a família. O crime que a anti-psiQUIATRIA fez no Brasil é imensurável. Isso aí poderia valer para uma família de classe média alta para cima, uma família rica, mas e a família pobre, como é que faz? Como é que vai fazer com essa gente? Você mete um louco numa família proletária que você acaba com a família.

Essa lei que estão querendo aprovar – acabando com a internação – é monstruosa, porque você está querendo preservar primeiro o louco e depois os outros. Mas a ordem dos fatores é o contrário. Você tem que preservar aqueles que ainda dá para salvar, esse aí já está desgraçado mesmo. Essa lei é puramente ideológica e mal intencionada, feita para destruir as famílias mesmo. Esse negócio de anti-psiQUIATRIA foi inventado por dois caras, o Ronald Laing, que era drogado, e o Carl Rogers, que passava seis meses clinicando e seis meses internado tomando eletrochoque. Esses são caras incapazes de fazer suas próprias vidas e estão querendo ensinar os outros. Você tem um fenômeno do sujeito alucinado querendo ensinar os outros a ir para o buraco, que é um fenômeno mundial, mas aqui no Brasil isso passou dos limites. Vamos supor que você fosse adotar isso na Itália. Lá o pessoal tem um certo padrão de vida, tem dinheiro no bolso. Vamos supor que cada família tem o suficiente para cuidar do seu louco pessoal. Mas, primeiro não há 10% de loucos, e segundo que cada família tem algum recurso. Mas qualquer família de classe baixa, se você botar um louco no meio, ela não vai durar. Vão todos para a mendicância.

Você pega todo esse pessoal que pede esmola na rua, e examine-os psiquiatricamente. Você vai ver que uns 80% são loucos mesmo.

Aluno: alguns por safadeza.

Não, ninguém vira mendigo por safadeza. Isto não existe. Só se for safadeza contra ele mesmo.

Aluno: mas alguns são “profissionais”.

Mas esse é um psicopata evidentemente. É evidente que é louco. Querer ser mendigo profissional, ter como profissão pedir esmola, é loucura. É evidente que é. Eu acho que você não verá um ali que esteja normal da cabeça. A mendicância é incompatível com a normalidade. Se o sujeito não está lá porque é louco, ele vai ficar louco porque está lá. Se você é um mendigo profissional é lógico que você é um sociopata, no mínimo. Isso significa incapacidade. Isso é a total incapacidade para o que quer que seja. É claro, também, que existe o mendigo por necessidade, mas por quanto tempo ele será mendigo por necessidade? No fim das contas ou ele vai para lá porque está louco, ou vai ficar louco porque está lá. Então, todos eles são praticamente inaproveitáveis, exceto em trabalhos muito simples e protegidos. Quer dizer, estão numa situação de infância, de puerilidade. Precisa ver quantos dias ele aguenta trabalhar. Ele vai ter continuidade para isso? Para você varrer um botequim todo dia você precisa de paciência, de calma.

Se todo mundo agisse por interesse próprio, como imaginava Adam Smith, estaria tudo resolvido, mas o fato é que as pessoas não agem assim. Esse fenômeno de que estou falando, da pessoa que trabalha dois dias e depois larga, não são milhões? Ou a criança que larga a escola? Ele não aguenta. Há uma agitação psico-motora que tira ele dali, o cara não consegue se concentrar naquele negócio, ele fica nervoso. É claro que isso independe de classe social.

Aluno: eu conheci um cara que trabalhava num banco e disse que a avó tinha morrido, e que precisava de quatro dias para ir ao enterro. O chefe dele acabou o encontrando no Club Med, e ele perdeu o emprego.

Este tipo de coisa... as pessoas acham que isso é normal? Claro que não. O nível de mentira para um sujeito tem limite.

Aluno: mas essa não seria aquela mentira que não mata ninguém.

Não tem nada que ver uma coisa com a outra. A mentira que é socialmente funcional é inteiramente sadia. Isso não é mentira, é omissão. O cara não vai falar a verdade para todo mundo do mesmo jeito. Tem coisas que você conta para a sua mulher, conta para a sua mãe, mas não vai contar para o seu patrão. Sobre tudo se você comer a

mulher dele. Existe a mentira em interesse próprio, mas esta não é uma mentira em interesse próprio. O cara que mentiu, mentiu contra si mesmo. O cara armou uma brincadeira sinistra contra ele mesmo. Ele acha que vai enganar alguém com aquilo? Não, ele vai se ferrar. É tudo ação racional segundo fins, e um certo coeficiente de mentira entra nisso aí também. Você mente para arrumar emprego, para convencer uma mulher a transar com você, você mente para alguma coisa que é do seu benefício. Mas isso aí, primeiro, que necessidade um cara tem de fazer isso? Isso é uma brincadeira, uma aventura. E nessa brincadeira o sujeito arrisca todo o interesse dele para ter dois dias de diversão? Isso não é normal. A diversão não pode ser tão importante que arrisque as bases de sustentação financeira da própria diversão. *Está aí o dinheiro da diversão, você vai lá e gasta.* Mas se a diversão vai me impedir de ter dinheiro para me divertir, isto é comportamento de louco. Esse tipo de incompetência, a incapacidade é doença. É normal o ser humano ser capaz de fazer as coisas que ele precisa fazer em seu próprio benefício. Se você chega na Europa ou nos Estados Unidos todo mundo sabe disso. E se a pessoa demonstra alguma incapacidade os outros ficam imediatamente alarmados. Mas aqui não. Há milhares de pessoas assim e você arruma explicações abstratas, você até atribui ao sistema, que você também não sabe como é. Tudo para não reconhecer que o camarada está louco, que ele está doente, que ele é incapaz. Porque, se você for reconhecer a realidade, você vê que o problema é muito maior do que você está pensando.

Agora, você imagina esse problema multiplicado pelos fatores externos, como numa cidade como São Paulo. São Paulo é um lugar onde ninguém pode chegar no horário em parte alguma. Em São Paulo todo o horário é uma mera probabilidade. O pessoal fala de congestionamento de trânsito aqui no Rio, mas não sabem o que é um congestionamento, não sabem o que é inundação, não sabem nada disso aí. Nunca souberam, precisam ir para São Paulo para fazer estágio. Você toma um ônibus e digamos que o trajeto médio dele é de uma hora. Mas é médio, porque tem dia que vai durar quatro horas, cinco horas. Agora, você imagina o proletinha, dezoito anos, primeiro emprego, pega o ônibus e este atrasa três horas. O que se faz? Amanhã tenta de novo? No segundo consegue, mas no terceiro não consegue de novo. É de enlouquecer, as pessoas precisam ter uma força de vontade fora do comum. Só que o elemento força de vontade não faz parte da cultura, não é valorizado, não é ensinado. As pessoas precisam dele para ter continuidade no que fazem. Quando um pai passa essa lição aos filhos, passa de maneira punitiva. Na base de que só aquilo que pode ser chamado trabalho ou valorizado é aquilo de que você não gosta e aquilo no qual você sofre. Ou seja, você está induzindo as pessoas a desistir. *Eu não gosto de fazer isso aqui, não quero fazer isso aqui, isso não vai me levar a lugar nenhum e, no entanto, eu estou nisso aqui preso tendo que trabalhar.* Aí um dia o cara vai para o Club Med mesmo. Joga tudo pela janela. Esse ato de desespero é compreensível dentro dessa situação. Só que tudo isso é demência e as pessoas não percebem. E aí chega o estudante de sociologia da PUC, que poderia ajudar essas pessoas, e diz: *não há padrão de normalidade, isso é relativo, isso é uma forma de normalidade também.* Então aí é que ele não pode ajudar as pessoas. Ele não poderá fazer absolutamente nada. A incapacidade de fazer coisas em proveito próprio é evidente que é uma doença, porque todo bicho sabe. O ser humano, no fim, está tão indefeso... e estar indefeso é uma doença.

A sua capacidade de fazer as coisas em proveito próprio pode crescer a tal ponto que você vence dificuldades enormemente complexas. Agora, o outro não consegue sequer vencer seus próprios pensamentos. Ele quer ir ao trabalho mas começa a pensar em outra coisa no caminho e desiste. Você acha que essa pessoa está bem? Nem aquele mínimo de poder sobre si mesmo que lhe asseguraria a continuidade no emprego ele tem. *Tenho que varrer o escritório, no meio do caminho fico revoltado, vou me libertar!* Vou me libertar aí significa *vou me ferrar todo.* Vou fazer um suicídio.

Aluno: há pessoas que tinham tudo para dar errado, e não dão. Deram certo.

Tem. E o ser humano pode vencer essas coisas. Lembram quando eu falei da diferença de poder entre dois seres humanos? A diferença de poder que pode existir entre dois seres humanos é superior à diferença de poder de toda a natureza. Se você pegar a diferença de poder entre todos os animais, o ser humano a transcende infinitamente. Um não tem continuidade para ficar dois dias no emprego e o outro mantém um plano de vida que demora setenta anos e o realiza contra tudo e contra todos. Como é possível isso? E notem que eu não estou me referindo a poder externo ou a poder político, mas ao poder da vontade. Como é que pode haver tanta diferença assim entre dois seres da mesma espécie? E, não obstante, ela existe. Agora, as pessoas dizem: *vamos construir um estado moderno democrático, cidadania.* Mas sem levar essas coisas em consideração? Quer dizer, você vai construir uma cidadania de seres abstratos, que só existe no papel. E, para pessoas de carne e osso, é preciso levar em conta tudo isso para você poder falar em cidadania. O que significa cidadania para uma pessoa que não consegue continuidade de três dias no trabalho? É evidente que essa pessoa não chegou à vida civil ainda, pois esta supõe a plena capacidade de domínio sobre si mesmo para executar as tarefas de que você precisa para sua própria subsistência. Se você não tem, então você não é um cidadão, evidentemente. Não é e não será nunca, por mais que esteja escrito na constituição. Ninguém pensa na relação entre cidadania e maturidade. O que é a cidadania do homem imaturo? O que é a cidadania do louco? O que é a cidadania do bêbado? O que é a cidadania do delinquente? Aí você entra na marginalidade. Então, se você pegar os 10% de loucos, vai ter mais 20% de bêbados, delinquentes, drogados, e daí você tem uns 40% da população brasileira que não vai ter cidadania nunca. Então, o que você tem que fazer? Tem que assegurar a cidadania para os outros e assistência para estes. Haverá uma parte da população brasileira que terá de ser paga para não trabalhar. E nós não vamos conseguir recuperá-los. Agora, aqui nós achamos que podemos

recuperar o que estuprou quinze meninhas de três anos. Mas a pessoa não consegue nem recuperar aquele primo bêbado que não trabalha. Tenta recuperar ele. Ou você mesmo. O que é recuperar? Recuperar não é tornar o cidadão perfeito, todos nós temos defeitos e temos vícios dos quais nós não nos livraremos nunca. Isso é outra coisa: *tem isso aqui, e se eu for lutar contra isso aqui, eu vou perder, porque eu vou gastar todo o meu tempo para corrigir esse pequeno defeito e vou deixar de fazer o que eu tenho que fazer. Então eu vou ter que ir com isto mesmo.* Por exemplo, largar de fumar. Você acha que eu vou perder meu tempo tentando largar de fumar? Quanto tempo eu vou gastar pensando nessa bobagem? Fumando eu vou fazendo as outras coisas. Você vai tocando. Então, eu não estou falando em tornar a pessoa perfeita não, mas em deixar o sujeito capacitado para lutar em seu próprio benefício. Não estou falando nem em melhorar moralmente. As pessoas reclamam da lei de Gérson, mas, se aqui seguissem a lei de Gérson, seria uma maravilha. Quem segue a lei de Gérson? As pessoas só fazem coisas que vão ferrá-las. Só perdem. Chegar à etapa da lei de Gérson seria um progresso moral fora do comum. Agir sistematicamente em vista de uma vantagem própria, se você fizesse isso você seria o homo economicus do Adam Smith. Você já imaginou o benefício que você faria para a comunidade se você conseguisse sempre tirar vantagem em tudo, sair sempre ganhando? A sua família, por exemplo, não teria problemas, porque você é o fortão, em tudo que você se mete você sai ganhando, então você é uma problema a menos, nós não precisamos cuidar de você. Não é para abolir a lei de Gérson, é preciso institucionalizar a lei de Gérson. *Olha, você tem que tirar vantagem, é para sair ganhando e não sair perdendo, nunca, porque se você sair perdendo nós vamos ter que te ajudar.* Para você ter idéia de como a nossa discussão sobre os problemas políticos pode parar longe da realidade, você achar que um país de fracassados é um país onde todos seguem a lei de Gérson, isso é justo o contrário da realidade. As pessoas não vão atrás da vantagem, vão atrás da fantasia, do sonho, do esquecimento, do alívio barato que vai custar mais caro. É disso que elas estão indo atrás. O cara que fica bebendo o tempo todo está buscando vantagem em tudo? E o outro que pede esmola? *Ah, ele não quer trabalhar! Espertalhão!* Mas falar isso é de uma crueldade... o cara está reduzido à total impotência. O máximo que ele vai conseguir fazer é racionalizar o sistema de suicídio dele.

Então, isso aí seria um esboço de sociologia brasileira. Só para vocês terem a idéia de que não existe sociologia nenhuma no Brasil. Não existe sociologia, não existe psicologia, nada, nada. Tudo isso, se existir algum dia, vai ser um aluno meu que vai começar, porque da universidade isso não vai sair nunca.

Aluno: e esse tema da igualdade...

Mas igualdade entre o que e o quê? Nós estamos falando aqui de um nível de miséria e impotência. A igualdade deve ser entre cidadãos, e nós estamos falando de marginalidade, de pessoas que estão inferiores ao estatuto de cidadania e que não podem ser cidadãos, porque esse não é um direito que você vai dar para ele, é um poder que ou ele tem ou ele não tem. Se ele não tem o poder de trabalhar em seu próprio benefício, ele não será um cidadão de maneira alguma. Ele será alguém que terá de viver da assistência alheia. E a assistência alheia não pode ser um direito do cidadão. Você começa a ter o direito de viver da assistência alheia quando você caiu abaixo do nível da cidadania. Cidadania significa maturidade e autossuficiência. *Eu sei da minha vida, eu tomo minhas decisões, eu luto em meu próprio benefício, arrumo emprego, tenho o meu trabalho, ganho meu dinheiro, sustento minha família.* Isto é cidadania. Agora, você vai falar de cidadania para o cara que está lá bêbado, incapacitado, de que adianta você dar um direito a ele se ele não tem o poder correspondente ao direito? É um cinismo você falar de cidadania. Esse cara não precisa de cidadania, ele precisa de ajuda. Pode ser que com a ajuda ele venha a sair do buraco, mas eu não acredito. Eu quando dou esmola na rua não estou esperando que o cara vá melhorar de vida não. Eu vou dar esmola a ele e amanhã ele vai pedir de novo, de novo, de novo, e nós temos que continuar dando senão ele vai morrer de fome. Esta é que é a verdade. Ou seja, eu estou dando uma esmola e não uma lição de moral. A esmola, ele é capaz de pegá-la e ir beber pinga na esquina. Ele é capaz de absorver essa ajuda. Agora, se eu for dar lição de moral, ele não vai absorver. Então, dê esmola e não encha o saco. É o máximo que se pode fazer por essa gente. Agora, se aparecer ali um garoto inteligente e tal, uma moça capacitada, então você pergunta se quer um emprego. Aí pode ser. E se a pessoa é capacitada mas está colocada ali acidentalmente ela não vai ficar ali muito tempo. Esse é o caso da minha empregada. Eu estava ali jantando na praia de Copacabana e lá do outro lado tinha uma mulatinha, feinha, que estava estreado na prostituição. Ela perguntou se podia se sentar conosco e eu disse que podia. Começamos a bater papo. Ela disse que tinha começado ontem e daí eu lhe ofereci um emprego: trabalhar na minha casa. Durante dois anos ela trabalhou direitinho, casou com um português, ajeitou a vida. Ficou na prostituição somente dois dias. Isso dá para ser feito. Mas isso é porque ela tinha capacidade. Você via que não era nenhuma tonta, que ela tinha cabeça, recursos físicos para viver da prostituição ela não tinha, mas cabeça para trabalhar ela tinha. Então a melhor alternativa é o trabalho. Isso sempre é possível, como no caso do cara do filme Central do Brasil, que descobriu um moleque engraxando sapato e perguntou se ele queria trabalhar num filme. E o moleque é um gênio. Pode acontecer de um cara capacitado estar acidentalmente ali no meio. E se você der chance o cara sai do buraco. Mas tem outros que se você ajudar mil vezes eles não vão sair dali, não adianta fazer sermão de moral. Você tem é que dar dinheiro para ele hoje, amanhã, até o fim da porca vida dele. E não adianta ficar revoltado, ele não está fazendo nada porque ele não pode. Às vezes as pessoas têm dificuldade para reconhecer isso. Mas esse tipo de cara não vai melhorar nunca. Nós não podemos melhorá-lo, vamos simplesmente ajudá-lo a sobreviver. É tudo o que ele está pedindo para nós, ele não está pedindo para melhorar. Ele não quer melhorar, ele quer um prato de comida. Então dê o prato de comida e não encha o saco. Se nós formos calcular qual é a fração da população brasileira que é assim, deve dar uns 20%.

Os caras podem se recuperar no sentido que o Luís Eduardo Soares recupera: ensinando guerrilha. Aí vão trabalhar para as FARC. Subiu de vida. Você pega um bandido e transforma num monstro. No caso dos bandidos fazemos assim: *nós estamos te botando na cadeia não para te punir, porque só quem pune é Deus, nem para recuperar você, porque nós não somos mágoas, mas nós botamos você aí dentro porque não te aguentamos lá fora.* O único motivo justo para se prender uma pessoa é porque você não a aguenta. Só que para isso precisa existir sinceridade. O pessoal do direito discute as duas coisas: deve-se punir o sujeito porque ele pecou ou para que ele não peque? Nem uma nem outra. Botamos ele lá porque não temos saco para aguentá-lo, nós não sabemos o que fazer com ele aqui fora. Vamos botar ele lá e vamos fazer de tudo para que a vida dele não seja infernal. O sujeito estar preso já é inferno suficiente. Ele não precisa ser estuprado, não precisam cortar ele com gilete, não precisa apanhar todo dia dos outros. Aí já seria exagero. E como é que vai fazer para sustentar essa coisa? É claro que tem que botar todos para trabalhar urgentemente.

Aluno: laborterapia.

Não, não é laborterapia. Ele não vai melhorar nada. É simplesmente porque alguém tem de prover o sustento dele. Nós temos que botar o cara para trabalhar porque senão não teremos comida para dar para ele. Tem que deixar essa falsidade de alegar grandes ideais. Não é trabalhar para recuperar o detento, é só olhar como a cadeia está. Se eu fosse encarregado da administração carcerária de um estado não ia nem pensar em recuperar detento, isso é utópico. Eu tentaria fazer com que eles deixassem de se estuprar e de matar uns aos outros lá dentro. Só isso que eu iria tentar. Arranjar um trabalho para cada um, fazer algo produtivo, e com o dinheiro que eles conseguirem dar uma condição melhor para eles. Bota cada um numa cela, não deixa um mexer com o outro. Dar uma condição de vida humana dentro da cadeia, não pensando em recuperar o cara. As coisas na vida devem melhorar por etapas, não adianta você pensar na última. A primeira coisa é que na cela onde cabem doze estão cinquenta e três. É simples: *vocês querem ter mais espaço? Então cada um constrói sua cela. Está aqui o cimento e o tijolo. Você faz. Se fizer ruim e cair na sua cabeça a culpa é sua. Trate de fazer direito.* Já não melhoraria a vida deles? Seja seu próprio Sérgio Naya. Você vai evangelizar todos? Vai aumentar o tamanho da cela? Eu estou falando do problema material deles, não do espiritual. Evangelizar todo mundo não cabe a mim, eu não tenho autoridade para isso, um pode querer virar macumbeiro, o outro mussulmano, isso está na cabeça deles. O pastor que deve fazer isso. O pastor não está indo lá para melhorar a condição carcerária, está lá para assegurar a salvação da alma. O que está preso não é a alma, é o corpo do cara. Eu não sei porque ninguém faz isso. *Ab, mas essa idéia é muito cruel.* É, bom mesmo é deixar eles como estão, cinquenta onde cabem doze, um em cima do outro.

Eu me lembro que quando eu era moleque, meu pai era advogado criminal, era advogado da polícia militar, tratava dos crimes cometidos por pms. Ele ia visitar seus clientes que estavam em cana e me levava junto. Eu comecei a frequentar a casa de detenção com sete anos. Eu me lembro perfeitamente, era um lugar impressionante, mas cada um tinha a sua cela, era um lugar limpo. O negócio era brutal. Você não encontrava três caras numa cela, no máximo dois, na pior das hipóteses. Quando o bandido era perigoso mesmo, ele tinha uma cela só para ele. E o meu melhor amigo lá era um bandido chamado *sete dedos*, que tinha matado umas quinze pessoas. E o meu pai me deixava na cela com ele, jogando xadrez com o *sete dedos*. E ele era um perfeito cavalheiro. O soldado matava um na rua e ia correndo lá para a casa do meu pai. *Matei um, que eu faço?* Era assim. E tinha o Meneguetti, famoso Meneguetti, eu o conheci. Conheci e depois quando eu tinha uns dez anos saiu uma biografia do Meneguetti. E eu, que o conhecia, fui ler a biografia, como ele fugiu da cadeia na Itália e veio parar aqui. Era uma história mirabolante. Não sei se era inventado, porque quem escreveu foi um repórter chamado Nelson Gato, que inventava muita coisa. O Nelson Gato, quando não tinha notícia, ele fazia. Ele era comunista, e quando deu o golpe militar, ele sozinho tomou a companhia telefônica, com um revólver na mão. Aquilo foi manchete durante uma semana. Esse cara que escreveu a biografia do Meneguetti. Não é muito confiável. Mas, de qualquer modo, foi uma leitura edificante. Esse negócio da criminalidade, de certo modo eu nasci no meio disso e, depois, eu fui ser repórter de polícia no Notícias Populares, um jornal que, se espremido, saía sangue. Mas eu vi a coisa piorar de uma maneira inimaginável. Tanto que na época meu pai, advogado da polícia, não se inibia de levar o filho para ver o trabalho dele. Hoje quem fizesse isso seria um monstro. Hoje você não pode nem contar para a criança o que acontece lá dentro. Eu falo de duas pessoas numa cela mas não me lembro de ter visto isso, só me lembro de cada um com sua cela. Eu suponho que existia, mas eu nunca vi.

[aluno fala sobre bandidos que mataram vários, estupraram, e eram bem articulados...]

Nós reparamos nesses casos extremos, mas o fundo de miséria, de desorientação, de falta de continuidade lógica na vida é monstruoso. E quando é que as pessoas vão começar, não digo a resolver esse problema, mas a estudá-lo? Quando eu passei um tempo na Romênia, eles estavam numa situação paupérrima, mas todo romeno, por mais pobre que seja, tem uma idéia de continuidade de vida. Ele tem um projeto, sabe mais ou menos como a sociedade funciona e sabe mais ou menos como chegar lá, sabe o trabalho que vai dar. Mas aqui as pessoas não sabem, a sociedade é muito grande, muito confusa.

Aluno: e o ensino na Romênia?

O ensino na Romênia é primoroso, é modelo. O problema é que eles dão o melhor ensino possível mas depois não há emprego. Então você ensina e as pessoas vão embora. Tem romeno em tudo quanto é lugar do mundo, e onde ele vai, faz sucesso. É o melhor ensino de informática da Europa, só que não tem computador. Em todas essas áreas, matemática, física, nessas ciências os caras são imbatíveis. Sempre que há essas olimpíadas de estudantes o romeno vai e ganha todas. Mas aqui, nós temos que começar a estudar essas coisas, supondo que no futuro ainda vai existir um negócio chamado Brasil. Eu acho que estudos desse tipo ajudariam muito. Qual é a porcentagem da população brasileira à qual a gente pode esperar razoavelmente dar um estatuto humano chamado cidadania? Para os outros você vai ter que dar assistência. Qual é o coeficiente dos que vão ter que receber assistência daqui para sempre? Ninguém quer encarar isso aí, mas isso é verdade, nós vamos ter que ajudar os caras e não vamos poder esperar nada deles. Qual é o orçamento disso aí? Ninguém quer fazer. Todos agem na base utópica de que todos devem ser recuperados, quando na verdade você está jogando mais gente para o buraco. Quando na verdade, é até um dever moral cristão, vamos ter que ajudar eles mesmo. Antes de exigir qualquer coisa deles você vai ter que dar sem pedir nada em troca. *Toma o seu prato de comida, você não precisa fazer nada, nem agradecer, essa é sua recompensa: comer.*

Quando nós vamos começar a estudar isso aí? As pessoas não querem estudar, porque no fundo elas sabem que o problema é grande demais, e, na hora que elas verem, vão ficar aterrorizadas. Deve ser uns quarenta milhões de incapazes. Nós vamos ter que trabalhar e sustentá-los e pronto, acabou. Ninguém quer assumir a responsabilidade de declarar isso aí e colocar isso para a nação. E esse problema é muito maior que o dos meninos de rua. Fizeram aquele barulho todo porque os meninos são poucos. Se fosse um problema grande mesmo ninguém ia falar. Estamos sempre correndo para resolver o problema que não existe. Agora, é curioso que esse caso dos 10% de malucos – pelas estatísticas do INPS – nunca tenha sido debatido, embora tenha sido capa da Veja. Fizeram reportagem e o assunto morreu na mesma semana, acho que em 1995, ou 1996.

[aluno faz pergunta sobre campanha contra a fome ou algo do gênero]

Ele pensava no problema do alimento, mas qual é a possibilidade de eles produzirem a comida para eles mesmos? Nenhuma. Nós é que temos que produzir para botar comida lá. A fome nesse caso não é causa. As pessoas acham que a causa de tudo é econômica. Isso é absurdo. Dá a impressão de que o ser humano nasce rico. Que, se aconteceu algo de errado, falta dinheiro. É o contrário, o dinheiro é que é efeito. O dinheiro é efeito de trabalho, de constância, de esforço. E se a pessoa não tem condição de fazer nada disso? Você vai explicar que o problema dele é causado pela fome? Não, a fome é que é causada pelo problema dele. Tem que dar o peixe na boca.